

***PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO URBANO E ECONOMIA CRIATIVA : O CAMINHO DE SANTOS COMO CIDADE CRIATIVA E AS PERSPECTIVAS DE TAUBATÉ” “***

**ODS 11**

Monica Franchi Carniello (Universidade de Taubaté)  
Eduardo Cursino (Universidade de Taubaté)

**Resumo**

O artigo analisa os caminhos percorridos por Santos (SP) para conquistar, em 2015, o título de Cidade Criativa da UNESCO no campo do cinema, e identifica quais lições podem ser aplicadas a Taubaté (SP), município com patrimônio simbólico relevante, mas ainda em estágio inicial na estruturação de uma economia criativa. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica e documental, articulando autores clássicos sobre criatividade urbana, desenvolvimento regional e políticas públicas culturais. O objetivo principal é compreender como cidades médias brasileiras podem transformar seus ativos culturais em estratégias de desenvolvimento sustentável, alinhadas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, especialmente o ODS 11. O referencial teórico inclui autores como Landry (2013), Florida (2011), Howkins (2001) e Reis (2012), que propõem a criatividade como eixo transversal das políticas urbanas, indo além da dimensão artística para incluir inovação social, inclusão e competitividade territorial. A metodologia qualitativa explora o caso santista com base em documentos oficiais, como o Plano Municipal de Cultura (2017–2026), relatórios da UNESCO e registros da Film Commission Santos, além de análises comparativas com o contexto taubateano. Os procedimentos metodológicos incluíram: identificação dos fatores que estruturaram a candidatura de Santos; avaliação dos impactos sociais, econômicos e simbólicos do reconhecimento; e análise das condições atuais de Taubaté para replicar estratégias semelhantes, respeitando suas singularidades.

Os resultados demonstram que o sucesso de Santos resultou de um ecossistema cultural integrado, com políticas públicas articuladas, governança participativa, investimentos em formação técnica, realização de festivais estruturantes e inserção em redes internacionais. O reconhecimento internacional fortaleceu a imagem da cidade, expandiu o setor audiovisual, diversificou o turismo e promoveu inclusão social por meio da cultura. Em contraste, Taubaté possui expressiva herança cultural, como a literatura de Monteiro Lobato, o cinema popular de Mazzaropi e festas tradicionais do Vale do Paraíba, mas ainda carece de políticas culturais estruturadas e de institucionalização de sua vocação criativa. A principal contribuição do estudo é a sistematização comparativa entre uma experiência consolidada (Santos) e um potencial emergente (Taubaté), oferecendo um roteiro estratégico para gestores públicos e pesquisadores interessados em promover cidades criativas a partir do patrimônio local. O artigo conclui que o caminho para que Taubaté se consolide como cidade criativa passa por planejamento cultural de longo prazo, criação de mecanismos de governança colaborativa e adesão a redes de cooperação como a UCCN. Trata-se de transformar identidade cultural em instrumento de inovação territorial, com impactos diretos no desenvolvimento regional sustentável

### Introdução

Nas últimas décadas, o conceito de cidade criativa tem ganhado relevância no debate sobre planejamento urbano e desenvolvimento regional. Essa abordagem responde às transformações globais na produção e circulação de bens culturais, nas quais a criatividade passou a ser vista como um recurso estratégico para o crescimento econômico, a inovação urbana e a coesão social (HOWKINS, 2001; REIS, 2012).

A criação da Rede de Cidades Criativas da UNESCO (UCCN), em 2004, institucionalizou esse movimento, reconhecendo municípios que integram cultura, sustentabilidade e inovação em suas políticas públicas. Atualmente, mais de 300 cidades participam da rede, abrangendo áreas como literatura, cinema, música, gastronomia, artesanato, design e artes midiáticas (UNESCO, 2015).

No Brasil, Santos (SP) foi a primeira cidade a obter o título de Cidade Criativa no campo do cinema, em 2015. Esse reconhecimento decorreu de um processo estruturado que envolveu políticas públicas, festivais, incentivos à produção audiovisual, formação profissional e inserção internacional (PEREIRA, 2021; SANTOS, 2017).

Por outro lado, Taubaté (SP), município com rico patrimônio cultural representado por nomes como Monteiro Lobato, Mazzaropi e pelas tradições do Vale do Paraíba, ainda carece de estratégias institucionais que articulem suas expressões culturais à economia criativa (VIEIRA; SANTOS; CARNIELLO, 2016).

Este artigo tem como objetivo geral analisar os caminhos percorridos por Santos para se qualificar como Cidade Criativa da UNESCO e identificar lições aplicáveis à trajetória de Taubaté como polo criativo regional. Como objetivos específicos, propõe-se: (i) discutir os conceitos de economia criativa e cidade criativa à luz da literatura especializada; (ii) examinar o processo de candidatura de Santos; (iii) avaliar os impactos socioeconômicos da experiência santista; e (iv) propor recomendações para Taubaté, com base em análise comparativa.

A metodologia baseia-se em revisão bibliográfica e documental, priorizando autores clássicos da área, documentos oficiais da UNESCO, planos municipais e estudos de caso. A proposta visa contribuir com o debate sobre políticas públicas culturais em cidades médias brasileiras.

O conceito de cidade criativa foi popularizado por Landry (2013), que defende o uso da criatividade como eixo de inovação urbana. Em contextos de crise econômica e social, as cidades que adotam abordagens criativas conseguem articular cultura, economia e governança para promover soluções urbanas inovadoras.

Florida (2011), ao propor a teoria da “classe criativa”, complementa essa perspectiva ao afirmar que cidades com diversidade cultural, tolerância e infraestrutura criativa tendem a atrair profissionais qualificados, artistas e empreendedores.

Entretanto, autores como Canclini (2008) alertam para os riscos de uma abordagem mercadológica da cultura, que pode priorizar a exploração comercial em detrimento de sua função social.

Assim, torna-se essencial adotar uma visão equilibrada, na qual a cultura seja compreendida tanto como ativo econômico quanto como bem simbólico e comunitário (REIS, 2012).

A economia criativa, quando articulada ao planejamento territorial, tem potencial para se tornar vetor de desenvolvimento regional. Para Vieira, Santos e Carniello (2016), o desenvolvimento não deve ser visto apenas sob a ótica econômica, mas como um processo multidimensional que integra variáveis sociais, culturais e ambientais.

Santos (2002), ao desenvolver o conceito de “território usado”, reforça a ideia de que o espaço é produto da interação entre sistemas técnicos e práticas sociais. Isso significa que a criatividade urbana não é um fenômeno abstrato, mas territorializado enraizado em memórias, identidades e usos concretos do espaço.

Dessa forma, o reconhecimento de uma cidade como criativa pela UNESCO não decorre exclusivamente de sua herança cultural acumulada. O processo envolve governança colaborativa, construção de narrativas identitárias e inserção em redes internacionais (REIS, 2012).

### Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com base em pesquisa bibliográfica e documental.

A escolha por essa metodologia justifica-se pela necessidade de compreender, em profundidade, os caminhos percorridos por Santos para tornar-se Cidade Criativa da UNESCO e identificar lições que possam ser aplicadas ao contexto de Taubaté.

A revisão bibliográfica abrange autores clássicos no campo da economia criativa e das cidades criativas, como Howkins (2001), Landry (2013), Florida (2011), Canclini (2008), além de referências nacionais, como Ana Carla Fonseca Reis (2012).

Esses aportes teóricos sustentam a análise crítica dos conceitos envolvidos e possibilitam a conexão entre cultura, inovação e planejamento territorial.

A pesquisa documental concentrou-se na análise de fontes institucionais e oficiais, incluindo: O Plano Municipal de Cultura de Santos (2017–2026), relatórios da UNESCO (2015; 2021) sobre a Rede de Cidades Criativas, publicações da Film Commission Santos e da Prefeitura Municipal de Santos, artigos e relatórios acadêmicos sobre a experiência santista.

Os critérios de seleção das fontes basearam-se na relevância temática e na credibilidade institucional. Foram priorizados documentos de órgãos oficiais, obras revisadas por pares e fontes diretamente relacionadas ao processo de candidatura de Santos à UCCN.

A análise seguiu uma lógica dedutiva e comparativa, estruturada em três etapas principais: Identificação dos principais elementos que estruturaram o processo de candidatura de Santos, sistematização dos impactos observados após o reconhecimento pela UNESCO, comparação desses elementos com o contexto atual de Taubaté, com base em sua herança cultural, estrutura institucional e potencial criativo.

A comparação buscou evidenciar pontos de convergência e lacunas entre as duas cidades, com o objetivo de propor caminhos viáveis para que Taubaté avance rumo à sua consolidação como cidade criativa. Esse processo permite extrair recomendações estratégicas a partir de uma experiência nacional concreta.

Cabe ressaltar que o presente estudo não pretende esgotar o tema, mas oferecer uma contribuição inicial para a reflexão sobre cidades criativas como

estratégia de desenvolvimento regional, especialmente no contexto das cidades médias brasileiras.

## Discussão e Resultados

O município de Santos, localizado no litoral paulista, consolidou ao longo do século XX uma identidade cultural profundamente associada ao porto e ao cinema. O Porto de Santos, maior da América Latina, foi responsável não apenas por dinamizar a economia local, mas também por criar um ambiente cosmopolita, com forte circulação de ideias, tecnologias e expressões artísticas (PEREIRA, 2021).

Segundo Pereira (2021), no campo do audiovisual, a cidade destacou-se desde as primeiras décadas do século XX, com a instalação de salas de cinema e a formação de um público cinéfilo.

O movimento cineclubista, ativo especialmente entre as décadas de 1950 e 1970, fomentou uma cultura cinematográfica crítica e experimental. Esse contexto foi essencial para a criação de um ecossistema criativo centrado no audiovisual (PEREIRA, 2021).

O festival de curta de Santos se consolidou como vitrine para o cinema independente, ao mesmo tempo em que promoveu formação cultural em escolas públicas e comunidades periféricas. Além de incentivar a produção autoral, o festival atuou como política de inclusão cultural (SANTOS, 2017).

A trajetória de Santos culminou em políticas públicas estruturadas, como o Plano Municipal de Cultura (2017–2026), que estabeleceu o audiovisual como eixo estratégico da economia criativa local (SANTOS, 2017).

A Film Commission Santos, a Escola de Cinema e Audiovisual de Santos, editais públicos voltados ao financiamento de curtas, longas e projetos de difusão cultural, a criação de espaços públicos culturais integrados ao planejamento urbano se destacaram nessa trajetória (PEREIRA, 2021).

A governança participativa também foi central: a articulação entre poder público, coletivos culturais, universidades e setor privado garantiu legitimidade e continuidade às ações (SANTOS, 2017).

O reconhecimento de Santos pela UNESCO, em 2015, como Cidade Criativa no campo do cinema, foi resultado da convergência entre tradição cultural, institucionalidade e cooperação internacional (PEREIRA, 2021).

A cidade cumpriu os critérios exigidos pela UCCN, como: histórico criativo relevante, políticas públicas consistentes, impacto socioeconômico do setor, e capacidade de articular redes globais (UNESCO, 2015; SANTOS, 2017).

Esse reconhecimento gerou impactos expressivos: Internacionalização da imagem da cidade, expansão do setor audiovisual, turismo cultural estruturado a partir de roteiros relacionados ao cinema, valorização simbólica da cidade como polo de inovação cultural (SANTOS 2017).

Contudo, o caso de Santos também revela desafios. A dependência de recursos públicos para a manutenção de projetos é um fator de risco. Outro ponto crítico é a inclusão de grupos marginalizados, ainda sub-representados nas cadeias produtivas da cultura (PEREIRA, 2021).

Ao comparar a experiência de Santos com o cenário atual de Taubaté, observa-se uma importante distinção em termos de estruturação institucional, apesar das riquezas culturais semelhantes (REIS, 2012).

Taubaté possui um patrimônio simbólico robusto, com figuras como Monteiro Lobato, o cineasta Amácio Mazzaropi, e um conjunto de festas populares e tradições religiosas do Vale do Paraíba (VICTOR, 2018).

Tais expressões representam um capital cultural significativo, mas ainda subaproveitado enquanto vetor de desenvolvimento regional (VIEIRA; SANTOS; CARNIELLO, 2016).

Vieira, Santos e Carniello apontam que, a ausência de uma estratégia integrada faz com que as iniciativas culturais locais sejam fragmentadas, muitas vezes dependentes da iniciativa de artistas individuais ou de ciclos políticos específicos.

A comparação com Santos demonstra que não basta possuir um patrimônio cultural expressivo. É preciso institucionalizá-lo, protegê-lo e transformá-lo em estratégia urbana e regional (REIS, 2012).

O reconhecimento da UNESCO exige mais do que tradição: demanda gestão criativa, governança colaborativa e articulação internacional (REIS, 2012; LANDRY, 2013).

As principais lições de Santos para Taubaté incluem: Criar um plano de desenvolvimento cultural estruturado e participativo; investir em festivais temáticos com projeção nacional/internacional; Implantar escolas ou núcleos de formação técnica criativa, articular conselhos e fóruns de cultura com base permanente, buscar estrategicamente, o ingresso na Rede de Cidades Criativas da UNESCO, possivelmente na categoria Literatura (SANTOS, 2017).

Taubaté possui condições para seguir uma trajetória própria no campo das cidades criativas, inspirando-se na experiência santista, mas valorizando suas singularidades culturais e regionais (REIS, 2012).

### Considerações Finais

O presente estudo analisou o processo que levou Santos ao reconhecimento como Cidade Criativa da UNESCO no campo do cinema e discutiu como essa experiência pode inspirar políticas públicas de desenvolvimento cultural em municípios como Taubaté (SANTOS, 2017).

Com base em revisão bibliográfica, documental e análise comparativa, identificaram-se os elementos centrais da estratégia santista: articulação institucional,

formação profissional, festivais estruturantes, inserção internacional e governança participativa (SANTOS,2017).

Em contraste, observou-se que Taubaté, apesar de contar com um valioso patrimônio cultural imaterial, ainda não dispõe de um ecossistema institucional capaz de transformar seus ativos simbólicos em estratégia urbana e regional (VIEIRA; SANTOS; CARNIELLO, 2016).

A comparação evidencia que o ingresso em redes internacionais, como a UCCN, depende não apenas da herança cultural acumulada, mas da capacidade de gestão, planejamento e articulação (PEREIRA, 2017).

A principal contribuição deste estudo reside na sistematização comparativa entre uma experiência consolidada (Santos) e um potencial emergente (Taubaté), permitindo que gestores públicos compreendam os fatores estruturantes do reconhecimento internacional no campo da economia criativa. (SANTOS, 2017).

Ao identificar lacunas e oportunidades, o artigo oferece um roteiro inicial para que cidades médias brasileiras estruturem políticas culturais orientadas ao desenvolvimento regional sustentável (REIS, 2012).

A trajetória de Santos demonstra que o título da UNESCO é mais que um selo: trata-se de um compromisso contínuo com a criatividade como política pública (PEREIRA, 2017).

Para Taubaté, o desafio é transformar seu legado cultural em projeto de futuro, conectando identidade, inovação e inclusão por meio da institucionalização da cultura e da inserção em redes cooperativas (REIS, 2012).

Nesse sentido, a proposta dialoga com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, em especial o ODS 11, que propõe tornar as cidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis (ONU,2015).

Ao consolidar um modelo de cidade criativa adaptado às realidades locais, Taubaté pode não apenas fortalecer sua identidade territorial, mas também liderar uma agenda regional de cultura, desenvolvimento e pertencimento (REIS, 2012).

Referencias:

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FLORIDA, Richard. A ascensão da classe criativa. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

FONSECA REIS, Ana Carla. Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2012.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOWKINS, John. The creative economy: how people make money from ideas. London: Penguin Books, 2001.

LANDRY, Charles. The creative city: a toolkit for urban innovators. London: Earthscan, 2013.

MIRSHAWKA, Victor. Cidades Paulistas Inspiradoras – Volume 1: o desenvolvimento estimulado pela economia criativa. São Paulo: DVS Editora, 2018.

PEREIRA, Lucas. Políticas culturais e cidades criativas no Brasil: o caso de Santos. Revista de Estudos Urbanos e Regionais, Brasília, v. 23, n. 2, p. 145–162, 2021.

SANTOS (Município). Plano Municipal de Cultura de Santos: 2017–2026. Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 2017.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

UNCTAD. Creative Economy Report 2010: creative economy, a feasible development option. Geneva: United Nations, 2010. Disponível em: <<https://unctad.org/publications>>. Acesso em: 14 set. 2025.

UNESCO. Creative Cities Network. Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities>>. Acesso em: 14 set. 2025.

VIEIRA, Edson Trajano; SANTOS, Felipe Rezende; CARNIELLO, Mônica Franchi. Economia criativa e o desenvolvimento no município de Taubaté-SP. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 12, n. 2, p. 161–184, 2016.

NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Brasília: Nações Unidas Brasil, 2015. Disponível em:



<https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>.  
Acesso em: 7 out. 2025.